

Revista Civilização Brasileira: dilaceramentos e combates

Cristiano Pinheiro de Paula

Eles vêm ao anoitecer e procuram a vida.
W. G. Sebald



Neste texto, pretendo dar início a uma análise sobre a atuação dos intelectuais brasileiros da década de sessenta, principalmente aqueles ligados à *Revista Civilização Brasileira*, a qual tenho estudado junto ao projeto *Poéticas contemporâneas* do NELIC (Núcleo de Estudos Literários e Culturais), coordenado pela professora Maria Lucia de Barros Camargo. Este projeto, que teve início em 1996, tem como um de seus objetivos fundamentais o estudo da formação dos cânones na literatura e cultura brasileira a partir da década de sessenta. Com isso, tendo os periódicos como base, o projeto procura refletir sobre as transformações no campo da literatura, da cultura, das idéias e a mobilidade de valores. Estarei também fazendo ao longo desse estudo um confronto do papel do intelectual no tempo que medeia a circulação da *Revista Civilização Brasileira* (1965-1968) e sua atual interferência, tanto nos assuntos políticos e econômicos, como no lugar pertencente à cultura, abarcando os principais pontos sobre os quais a revista ex-cursa.

Os dados egressos do meu trabalho de pesquisa, desde meu contato inicial com a revista até a etapa presente, são o cerne desta primeira apresentação que procura mostrar rapidamente alguns aspectos que poderão identificar a minha principal fonte de análise, base fundamental deste estudo.

Pensando nessa dicotomia, cabe aqui ter em vista o que Gramsci¹ chamou de “intelectuais orgânicos”: escritores, jornalistas e economistas políticos diretamente comprometidos com as lutas sociais e políticas contra o imperialismo e o capitalismo. Eles integravam significativamente os sindicatos, movimentos estudantis ou partidos revolucionários. Esse é o intelectual da *Revista Civilização Brasileira*. Por outra parte, as oscilações no cenário político com a queda do regime militar e a implementação de

¹ Apud PETRAS, James. “Os intelectuais em retirada” In: *Ensaio contra a ordem*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 85.

uma democracia títere que funciona como instrumento de controle das classes dirigentes subservientes aos interesses das grandes corporações internacionais, perpetuando suas normas, favoreceram a deserção dos intelectuais, o refluxo das idéias menos palatáveis ao sistema. Favoreceram, também, a distensão de um confronto que era mais evidente naquele primeiro momento e que agora, com a dissemântica do discurso deturpador que se apossa de valores universais como a liberdade e associa esses valores à democracia, deixa turva a arena de conflito. O inimigo se esconde sob um véu de santidade, aparecendo como o defensor de aforismos universais. Em artigo de Brecht 2, reproduzido na *Revista Civilização Brasileira*, ele denuncia a arte de tornar a verdade manejável como arma e mostra como reconhecer aqueles em cujas mãos a verdade se torna eficiente. Dentro deste contexto retornam os esporos redivivos. Aparecem os “intelectuais institucionais”.

Muito tem se falado a respeito do trabalho do historiador com *suas* fontes. Aqui faço uma pilhéria usando o pronome possessivo, chamando a atenção ao mau costume de muitos estudiosos que não compartilham materiais de pesquisa. Contudo, o fato é que já foi repetida inúmeras vezes a idéia da necessidade de se saber olhar as fontes sempre tendo em vista o espaço, o meio no qual estão inseridas, sejam elas fontes jurídicas, paroquiais, prontuários médicos, sejam periódicos, cartas, o que for, devem toda a hora ser estudadas com cautela já que cada um desses diferentes nichos têm seus códigos e trazem o reflexo do comportamento das instituições, ou de foro íntimo e sempre, continuamente, guardam em si mensagens subjacentes, propósitos velados. no sentido, lembrando as palavras da professora Maria Lucia, que evoca Raymond Williams, as re-vistas e suplementos literários e culturais constituem, sem dúvida, importante espaço de circulação de discursos que nos permitem ler/escrever não apenas uma história da literatura, mas também uma história da cultura, das idéias, da mobilidade de valores e de critérios críticos e estéticos. Assim concebido, o estudo dos periódicos vai além da simples tomada destas páginas como instrumento, ou como lugar supostamente neutro de onde se pode resgatar a contribuição supostamente esquecida de algum autor insigne 3. Dentro deste parâmetro, considerando a importância de se consultar as fontes sem incidir no erro de desvinculá-las de seu contexto histórico e

2 BRECHT, Bertolt. “Cinco maneiras de dizer a verdade” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 05/06. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 259-273.

3 CAMARGO, Maria Lucia de Barros. “Novos lugares: à guisa de introdução” In: *Boletim de Pesquisa NELIC* nº 05. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1997, p. 06.

institucional, é que estarei realizando meu estudo em torno da *Revista Civilização Brasileira*.

Ainda como aporte considero importantes algumas colocações de James Petras, as quais julgo pertinentes a esse debate que tentarei travar, cuja relevância, a meu ver, está no combate à postura conformista da *intelligentsia*, sabendo que lançar faíscas neste terreno volátil é um ato político. Para Petras, a deserção dos intelectuais, seu abandono do pensamento combativo frente à investida do poder ascendente do capital e o aprisionamento de suas idéias na redoma dos interesses do sistema demonstra o quanto a *intelligentsia* é sensível às mudanças do poder. Com isso não tenho a pretensão de ser um crítico misantropo desses tempos que dão prioridade menos à política que à mentalidade. Muito pelo contrário, minha meta é fazer a colisão da postura dos intelectuais brasileiros da década de 60 e sua atitude hoje. Trata-se sobretudo de criticar o alinhamento às mudanças de poder nesse período e o predomínio do pensamento que não incomoda em prejuízo da postura combatente. Por um lado temos o intelectual da *Revista Civilização brasileira*, que é o *enfant terrible* dos embates contra o regime e, na contracorrente, o abraço ao paradigma que ameniza as contradições do sistema.

Qual será a relação entre periodismo e história? Será de alento, será de choque? Será de beneplácito, de refutação? Acaso revistas e jornais têm uma determinada função da qual não podem se separar? Informar... Alguns até que acreditam passar informação de maneira imparcial, o que é uma veleidade. Toda a palavra encerra um juízo. Haverá revistas e jornais interessados em suplantam a mera informação? Quero afirmar a importância da *Revista Civilização Brasileira* na história brasileira como um periódico que, desde o começo de seu caminho, perseguiu a meta de enfrentar as forças que tomaram o poder ilegitimamente no golpe de abril de 64, nunca pretendendo a imparcialidade e, que por esse motivo, foi tão perseguida. Os mandados de segurança impetrados pela revista contra as forças da censura espelham este cerco.

Após um ano sob o cetro dos militares, aparece no Brasil a *Revista Civilização Brasileira* da editora Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, em março de 1965. 4 A revista chegou a ser suspensa duas vezes. Deste primeiro número ao derradeiro, em 1968, quando a revista saiu com pulso de circulação face à hipertrofia da política de arbitrariedade defendida pelos corifeus do regime militar e ao paroxismo do obscurantismo que perpetraram, chegando ao zênite nesse mas ano com o Ato

4 Primeiro número da revista, que, na carta de princípios, esboça seus objetivos de combate ao obscurantismo da ditadura militar.

Institucional nº 5, são vinte e dois exemplares e três cadernos especiais, que, ora são projeções de temas já abarcados pelo roteiro regular da revista, 5 como o teatro, ora são questões candentes ligadas ao momento, como os acontecimentos de agosto de 1968 na Tchecoslováquia, quando os tanques soviéticos invadiram o país reprimindo a *Primavera de Praga* e impedindo a defecção de Dubcek do Pacto de Varsóvia.

Se a revista está intimamente ligada ao pensamento marxista isso não a exclui de incorporar em sua estrutura uma gama maior de temas, não restringindo o foco de sua atenção a fatores políticos e econômicos, conforme o enfoque tradicional do marxismo. Surgem dentro de seu quadro de assuntos: a literatura, o teatro, a música, o cinema, as artes plásticas e o direito. Todavia, em cada um está impresso o signo da compreensão dialética da realidade, e todos esses temas são confrontados dentro da perspectiva de transformação, de superação das mazelas das sociedades humanas. Com relação ao ímpeto de mudança do marxismo, Petras diz que ele é tanto analítico como prescritivo. Analítico na medida em que se contrapõe ao modelo generalizante atual, cuja pregação circunda o indeterminismo. Em vez de adotar uma postura relativizadora e fragmentária está pautado antes na visão direcional, associativa e intensamente móvel da história. É prescritivo porque seu propósito não é apenas descrever, mas mudar o mundo. 6 Como se pode ver, compondo questões pertinentes à cultura com problemas de ordem política nacional e internacional, bem como se detendo sobre a conjuntura econômica, a revista integra todos as esferas de atuação do homem, como está colocado no editorial do número um. Nele está bem evidente que a *Revista Civilização Brasileira* buscará sempre amplitude de visão sem perder profundidade de análise, no terreno dos estudos políticos, sociológicos, econômicos e culturais, que constituem o campo de sua atuação. 7 São essas relações que trazem um sentido à história. Endossa esta diretriz a forte influência exercida por Lukács, Goldmann e Gramsci sobre a revista. E ainda mais: a *Revista Civilização Brasileira* teve o privilégio de veicular as primeiras traduções de textos de Adorno, Benjamin e Marcuse, marcando com isso a entrada da *Escola de*

5 O roteiro da *Revista Civilização Brasileira* compreende doze temas elencados na seguinte ordem: política nacional, política internacional, problemas sociais e políticos, economia, literatura, problemas culturais e filosóficos, cinema, teatro, história, música, artes plásticas e direito. Esta relação mantém-se regular — algumas vezes sendo acrescentados tópicos, outras sendo subtraídos, mas sempre cobrindo estas questões — até o nº 09/10 da revista. A partir daí o quadro é alterado, passando a apresentar no sumário da revista o título dos artigos de maneira direta, sem dividi-los em seções.

6 PETRAS, James. “Os intelectuais em retirada” In: *Ensaaios contra a ordem*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 69.

7 SILVEIRA, Ênio. “Princípios e propósitos” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 01. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965, p. 04.

Frankfurt no Brasil e sinalizando com mais vigor a determinação humanista da revista. No âmbito cultural fica patente essa influência, haja vista o ensaio sobre a cultura de massas 8, escrito pelo poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, nome importante dentro da revista, publicando vários artigos na seção ligada aos prole culturais e filosóficos e fazendo a crítica de artes plásticas. Vale lembrar que seu ensaio *cultura Posta em Questão* foi publicado no calor daquele momento. 9 Ainda referendando esse direcionamento surge a interface entre o pensamento marxista e a literatura: o historiador e crítico-literário Nelson Werneck Sodré, responsável pela seção de literatura e autor da coluna *Momento literário*, faz um panorama da situação cultural do Brasil durante os primeiros tempos da ditadura. É interessante notar em suas colocações que, com o recrudescimento das tensões políticas, do obscurantismo e do sistemático favorecimento da mediocridade, essas as estratégias do regime que ascendeu com o golpe de abril de 64, o borbulhar da cultura brasileira não arrefeceu, mas persistiu, tomando rumos de contestação ao autoritarismo que planejava eclipsá-la. Neste sentido, o general dissidente diz:

O momento literário brasileiro, condicionado, como não podia deixar de ser, ao conjunto nacional, apresenta-se refletindo diretamente as conseqüências do que vem ocorrendo no País. Observadores superficiais, que se sensibilizam dos fatos correntes, e são incapazes de tirar deles as conclusões mais profundas, verificam apenas, e com natural pessimismo, o lado negativo, o esforço do obscurantismo para impedir o desenvolvimento da cultura nacional. Esse esforço, operado por meios cirúrgicos e brutais, de início, e concretizado em inquéritos, cassações, demissões de mestres, exílio de intelectuais, prisões, apreensões de livros, etc., toma, a partir do ano em curso, forma organizada, pela valorização sistemática da mediocridade, pela glorificação do conformismo, pela premiação dos passivos ou dos renegados ou dos corrompidos. Mas este é um dos lados do problema, e não é o único. Seria cego aquele que não observasse, também, o extraordinário esforço da cultura nacional para sobreviver, a unidade hoje existente entre os intelectuais em defesa das liberdades e, especificamente, a criação, com trabalhos de mérito, no teatro, no cinema, na ficção, no ensaio, nas ciências. Ao lado disso, a vigorosa luta estudantil, marcada por episódios diários, a que é indispensável conceder toda atenção e que revela a pujança das gerações mais jovens e sua inconformação com a estupidez erigida em norma cultural. A realidade sempre se compõe de dois aspectos; ver um deles, apenas, é ver mal e parcialmente. 10

8 O ensaio, intitulado “Problemas estéticos na sociedade de massas”, está dividido em três partes. A primeira aparece no nº 05/06, p. 179-192, dando-se continuidade no nº 07, p. 233-254 e sendo concluído no nº 08, p. 243-249.

9 SODRÉ, Nelson Werneck. “O momento literário” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 07. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 162.

10 Idem, p. 159-160.

Também o crítico Carlos Nelson Coutinho, seguidamente defendendo a justeza e a atualidade da alternativa lukacsiana, em um de seus ensaios, apresenta um estudo cuidadoso da obra deste que foi um dos maiores escritores brasileiros: Graciliano Ramos. Ele formula uma análise estrutural da obra do autor de *São Bernardo*. Percorrendo em ordem cronológica a produção literária de Graciliano, acompanha, identificando pormenorizadamente, o amadurecimento do artista em direção à grandeza do seu realismo vigoroso e profundo. Mostra como Graciliano, passando pela estruturação inorgânica do naturalismo de *Caetés*, supera esta tradição e alcança o elemento eterno da sua atualidade, que está em suas obras ulteriores. 11 É sintomática a ausência de Antonio Candido na revista. É válida uma investigação mais atenta sobre este vazio. Por ora, apenas afirmo que divergências e sectarismos dentro da esquerda brasileira possam justificar a falta.

Ainda dentro do grupo que compõe o conselho editorial, desempenhando um papel marcante na revista, está o crítico Manoel Cavalcanti Proença. Segundo ele, a respeito da inclinação voluntária do regime em propagar sofismas, a experiência que se colocou em prática no Brasil naquele momento contrariou todas as experiências ditatoriais da história, pois, dissimulada e difusa, a ditadura que se abateu sobre o país não teve apoio de massa, não teve apoio de nenhuma classe social; foi puramente ditadura de uma casta, que, pressupondo haver esgotado a sabedoria humana, a si própria conferiu o título e as credenciais de senhora suprema do bem e do mal, do que convinha ou não ao país. 12 Cavalcanti Proença, também um general “degenerado”, substituiu Ênio Silveira na direção da revista a partir do nº 05/06, permanecendo aí até sua morte, em 1966, sendo homenageado no editorial do nº 09/10, quando passa a assumir a direção o poeta Moacyr Felix. O editor Ênio Silveira, a quem saúdo aqui, morreu no ano de 1996. Foi perseguidíssimo pela sua atuação política de esquerda e por publicar livros de escritores considerados subversivos. Em 1968, teve os direitos políticos suspensos por dez anos, tendo sido preso sete vezes, processado outras quatro sob acusação de crimes contra a segurança nacional e absolvido por tribunais da Justiça Militar. A editora Civilização Brasileira foi proibida de operar com a rede bancária federal e com todos os bancos estaduais. Atentados com bomba destruíram a sede da

11 COUTINHO, Carlos Nelson. “Uma análise estrutural da obra de Graciliano Ramos” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 05/06. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 107-150.

12 PROENÇA, Manoel Cavalcanti. “A disseminática de abril” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 07. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 04.

livraria e o depósito de livros. Várias publicações da editora foram proibidas. 13 Ênio foi um dos grandes intelectuais do Brasil e a forma como assumiu a condição de editor, tomando frente e posicionando-se sempre corajosamente diante dos descabros dos tempos infaustos do regime militar e toda a hora empenhando-se em manter vivo o lume da liberdade de expressão, tudo isso faz da sua figura um exemplo de que compromisso com o leitor e entrada no mercado da indústria cultural não precisam estar desgarrados. Graças a sua dedicação muitos brasileiros vieram a conhecer Marx, Gramsci, Lúacs. 14 Ênio foi responsável pelo lançamento e pela afirmação no mercado editorial de autores como Fernando Sabino, Dias Gomes, João Antônio, Antonio Callado e Carlos Heitor Cony. E é Cony quem diz que Ênio não pertencia a este mundo, pois ele pairava em uma região ideal onde valia a briga, mas nunca o ódio, onde reinava a justiça, mas sem a polícia. 15 Na área política e econômica, Octavio Ianni e Florestan Fernandes, ambos os sociólogos e professores da USP, são nomes recorrentes na relação de colaboradores. Além deles, aparecendo amiúde na seção de direito, está o então ministro do STF, o jurista Evandro Lins e Silva, morto no começo deste ano.

Cabe falar do espaço dedicado ao cinema brasileiro, que à época passava por um de seus grandes e iluminados momentos com Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Alex Viany, Joaquim Pedro de Andrade, Ruy Guerra e outros. O alvorecer do Cinema Novo 16 projetou para o mundo toda a sensibilidade brasileira para a sétima arte, mostrando feridas de um país arcaico em seus lugares mais recônditos, desconstruindo a imagem que o regime erigiu de um país de estradas, cidades, riquezas, imunizado do sofrimento. É preocupação marcante da revista o enriquecimento da cena intelectual e o fluxo das idéias no Brasil e, por seu intermédio, dentro deste propósito, se desenvolve em suas páginas a crítica de cinema brasileira. Nomes como Alex Viany e Roberto Schwarz trazem reflexões acerca desse cinema nacional engajado e juntos a Jean-Claude Bernardet também fazem análises sobre os bons filmes e diretores da época. Pode-se dizer que essa crítica brasileira de cinema ao lado desses cineastas estiveram em harmonia com o que Drahomira Olivova, nome importante da crítica de

13 ESCÓSSIA, Fernanda. “Ênio Silveira morre aos 70 anos no Rio” In: *Folha de São Paulo*, 13/01/1996 — “Ilustrada”, p. 01-10.

14 COELHO, Marcelo. “Comprar revistas de esquerda é ato de teimosia” In: *Folha de São Paulo*, 22/03/1996 — “Ilustrada”, p. 04-12.

15 CONY, Carlos Heitor. “Réquiem para um escoteiro” In: *Folha de São Paulo*, 22/01/1996 — “Opinião”, p. 01-02.

16 Cf. ROCHA, Glauber; SANTOS, Nelson Pereira dos & VIANY, Alex. “Cinema Novo: origens, ambições e perspectivas” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 01. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965, p. 185-196.

cinema da Tchecoslováquia, expôs na 1ª Mostra Internacional do Novo Cinema, em 1965, na Itália:

A força e a vitalidade do jovem cinema tchecoslovaco manifestaram-se desde o início e ainda se manifestam na visualização concreta e objetiva dos problemas, no enriquecimento dos elementos objetivos do próprio ponto de vista e em seu apego à mais avançada corrente de idéias existente atualmente na sociedade tchecoslovaca. Esta arte — e com ela a crítica — está convencida de que só se avançará descobrindo toda a realidade, de que também a representação dos fenômenos mais negativos pode ter um efeito positivo, de que é necessário penetrar na substância e mostrar também coisas que podem ferir profundamente. O jovem cinema tchecoslovaco pretende ser uma arte combativa e empenhada no verdadeiro sentido destas palavras tão desacreditadas; pretende influir sobre a consciência dos homens e sobre a consciência da sociedade. 17

Finalmente, não poderia deixar passar em branco a importância do teatro durante a ditadura, especialmente nos primeiros anos, tempo abrangido pela revista. Lá estavam Oduvaldo Viana Filho, Millôr Fernandes e Dias Gomes, que foi secretário da revista. Houve experiências idealistas e bem intencionadas, como o CPC do movimento estudantil. A UNE, através do CPC (Centro Popular de Cultura), procurava levar a arte ao povo, não obstante a férrea vontade do governo militar de tolhê-lo desse contato “inapropriado” a seus objetivos. Além do mais, Brecht transformara o teatro em arma política no século XX, sabendo capitalizar sua poderosa força de comunicação e a capacidade de mobilizar as pessoas. Atores e diretores não podiam tergiversar a essa influência arrebatadora, principalmente na década de sessenta, quando o mundo assiste a uma reviravolta dos costumes e, no Brasil, crescem os nefandos mecanismos de repressão e censura. Para bloquear o avanço desse teatro, estagnar o liame estreito entre o palco e a política, os militares estendem um *cordon sanitaire* entre o público e os artistas. A censura e a perseguição acirram-se. Quem não se lembra do ator Klaus Maria Brandauer no papel do ator devorado pela ambição em *Mephisto*? Cai sobre todos que vivem a arte o dilema cruel que consumiu o protagonista do *Mephisto* (1981), do diretor húngaro István Szabó. Chegam a torpe encruzilhada: combater o sistema, resistir ou ser cooptado?

Mapear as rotas da *Revista Civilização Brasileira*, valorizando a relação entre periodismo e história, é traçar o retrato de uma época de confronto entre a obtusa força bruta dos ditadores e a energia de contestação de uma intelectualidade robusta.

17 OLIVOVA, Drahomira. “A crítica e o novo cinema” In: *Revista Civilização Brasileira* nº 09/10. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 205-216.

Dizem que o mundo hoje é um enfrentamento de culturas e que as ideologias esmoreceram. Não considero essa idéia simpática. No filme *Antes da Chuva* (1994), de Milco Mancevski, um monge ancião, refletindo sobre os fenômenos da natureza, dirige-se a seu pupilo e diz, cito de cabeça: — “Parece que a chuva se aproxima, os mosquitos estão picando... O tempo não pára, porque o círculo não é redondo.” Para mim é uma frase significativa e uma reflexão sobre a história. Se há tempestade, há guerra. Se há guerra, há luta social e por isso ideologias continuam se engalfinhando. Por isso não posso concordar com a idéia de “fim da história”, conforme propalou o historiador americano Francis Fukuyama em seu ensaio para a revista *National Interest*, porque existe movimento, existe pulsação. Segundo Petras, os intelectuais em retirada contribuem para o fortalecimento da hegemonia capitalista através das suas construções ideológicas da utopia capitalista. 18 É esta a estratégia de Fukuyama quando propõe uma interpretação da invertida da realidade, ancorada em um marxismo às avessas. Ele é um ventríloquo de Hegel e Kant. Suas colocações são corruptelas das idéias de ambos. A ideologia é sempiterna e as lutas sociais perdurarão ainda que o atual modelo insista em se afirmar imperativo e onipotente, daí todos os rearranjos engendrados para mantê-lo vigoroso, o que já manifesta sua crise e superação. Por isso, deslindar as páginas da *Revista Civilização Brasileira* torna-se contribuição à história e à procura de um paradigma rejuvenescido, que possa aplacar a aziaga democracia liberal ocidental, um paradoxo se considerarmos os pressupostos de tal regime político, antagônicos a sua versão apócrifa que vigora, defendida pelo núcleo do sistema. O que se vê hoje é que o cerceamento das liberdades individuais não é “apanágio” das ditaduras declaradas, se é que se pode dizer que ditaduras são declaradas. Antes são envergonhadas e escancaradas, como coloca o jornalista Elio Gaspari. 19 Envergonhadas quando surgem sob um véu de legitimidade pretendendo defender a ordem e escancaradas quando já sufocaram seus opositores e os condenaram ao ostracismo.

Certamente, a análise dos combates dessa revista, dos *ensaios contra a ordem* que estão dentro dela, responde a muitos questionamentos dos dias atuais. Particularmente, uma questão importante é a que diz respeito à *verdade* e à *relatividade*, ao atrito entre a pós-modernidade e o momento que priorizou o engajamento político do intelectual. Sobre isso Petras diz que o papel crítico dos intelectuais de denunciar o

18 PETRAS, James. “Os intelectuais em retirada” In: *Ensaio contra a ordem*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 80.

19 Apud CAMARGO, Aspácia. “Vontade de potência” In: *Folha de São Paulo*, 22/12/2002 — “Mais!”, Seção: “+ Livros”, p. 14-15.

sistema e seus processos — democracia capitalista, imperialismo, relações de produção exploradoras — é substituído pela evasão e pela linguagem vazia do balbuciar do discurso. Ainda diz que os intelectuais em retirada não se dirigem mais a um auditório de classe específico (classe operária), mas às forças “democráticas”, à Europa, aos gerentes do *status quo* (os cães cérberos culturais, os regulamentadores políticos, a elite negociadora dos pactos sociais e políticos).²⁰ Enquanto há na revista o enquadramento ao pensamento aguerrido e à faina inexorável do anelo de transformação da realidade, espelho vivo de uma geração atuante de intelectuais brasileiros da década de sessenta, está manifesto nos mensageiros da pós-modernidade o desbarato deste *Eros* esfaimado pela integridade dos homens. Esta decalagem aberrante é o que mais salta à vista daquele que se propõe a ler a *Revista Civilização Brasileira*. Em suas páginas vemos o intelectual debatendo-se contra um regime de escuridão. São esses pensadores que *vêm ao anoitecer e procuram a vida*.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “A indústria cultural” In: COHN, Gabriel (org.) Theodor W. Adorno. Trad. Flávio R. Kothe e outros. São Paulo: Ática, 1986.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil, 1964 - 1984. Petrópolis: Vozes, 1984.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. “Poéticas Contemporâneas: marcos para uma pesquisa”, In: Continente Sul Sur. Porto Alegre: IEL, no 2, p. 111-120, 1996.

CAPARELLI, Sérgio. Ditaduras e indústrias culturais. Porto Alegre: Ed. URGs, 1989.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, s/d. (1. Ed. Inglesa, 1983).

²⁰ PETRAS, James. “Os intelectuais em retirada” In: *Ensaio contra a ordem*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 73.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP/FDE, 1995.

GULLAR, Ferreira. Cultura posta em questão. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LAMOUNIER, Bolivar (org.). De Geisel a Collor: o balanço da transição. São Paulo: EDESP, 1990.

MICELI, Sérgio. Estado e cultura no Brasil. São Paulo: Difel, 1984.

_____. Intelectuais e classe dirigente no Brasil, (1920-1945). São Paulo: Editora Disel, 1979.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da cultura brasileira (1933-1974). 8 ed. São Paulo: Ática, 1994.

PETRAS, James. “Os intelectuais em retirada”. In: Ensaio contra a ordem. São Paulo: Scritta, 1995. p. 63-108.

SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa. Ensaio sobre questões político-culturais. Rio: Paz e Terra, 1982.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Trad. Waltensir Dutra. RJ: Zahar Editores, 1979.

_____. Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1992.